

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

O SORRISO AZUL

Giselda Medeiros

Estava um dia abafado. E abafada estava, também, minha alma, entediada de si mesma. Resolvi, então, sair de casa, na esperança de ver cousas diferentes, pessoas diferentes, viver situações diferentes. A mesmice torna o ser humano uma máquina de repetições. Fá-lo sentir-se como um objeto qualquer, colocado sobre as prateleiras da vida, sujeito ao pó do tempo e à corrosão do seu próprio condicionamento.

Pois bem. Apanhei um ônibus. Logo à entrada, a um solavanco, fui de encontro a um homem que, grosseiramente, não atendeu ao meu pedido de desculpas e quase veio à agressão. Reparei que todas as pessoas que iam ali tinham algo em comum: o mau humor. Acomodei-me em uma cadeira que nada tinha de cômodo. Da janela do veículo, ia observando tudo em seus detalhes: a paisagem de minha cidade ensolarada, mas tão mal cuidada, sem estruturas inerentes a um centro urbano tido como uma grande metrópole.

Nas paradas, pessoas se acotovelavam, também mal-humoradas. Caras fechadas. E se esboçavam um sorriso deixavam à mostra a precariedade de suas bocas de poucos dentes. Ao meu olhar curioso, recolhiam-se, desconfiadas, ao seu casulo de tristeza.

Mais adiante, o coletivo parou, por alguns instantes, em uma pracinha que me parecera alegre. Animei-me! Até que enfim, vejo alguma coisa bonita! Mas durou pouco meu entusiasmo. Sobre um dos bancos da praça, uma caixa chama-me a atenção. E vejo sair do seu interior um velho maltrapilho, escorregando, arrastando-se, como um bicho saindo de sua toca. A barba longa e suja, a expressão de presa arisca davam-lhe o aspecto animalesco.

No outro lado da praça, o cartão-postal não era diferente:

Uma mulher, com uma criança magrinha sugando-lhe as tetas caídas, vazias de leite, mendigava a caridade humana. Quase descia, de ímpeto, para levar àquelas pobres criaturas o óbolo de minha generosidade, se não fora a saída brusca do motorista que arrancara, como se estivesse fugindo dali.

À medida que a velocidade me seduzia, iam-se descortinando aos meus olhos espetáculos os mais variados: velhos mendigando as últimas ilusões do outono; crianças, de olhar pedinte, estendendo as mãos vazias de infância; jovens envelhecidos, a olhar os palpáveis, mas para eles tão distantes caminhos de sua juventude. E a vida correndo sobre todos, como este ônibus, com pressa de chegar... Mas, chegar aonde? De que maneira? Como aqueles miseráveis? Ou como eu, transeunte sem destino? Até a parada final, onde todos se nivelam? É, lá a morte nos espera, indistintamente, com suas garras aduncas.

Eu seguia passiva e, enquanto observava a vida, pensava, pensava... que “a dor universal não dorme nem desiste nunca”. Mas eu queria, a todo o custo, fazer alguma coisa, resolver a situação de penúria daquelas pobres criaturas. Mas, não são só elas, meu Deus! Pelo caminho, via dezenas, centenas de pessoas iguais. Já via, agora, o meu país mergulhado nessa indigência, sempre crescente. O que fazer? Escreverei artigos nos jornais. Falarei nas emissoras de rádio. Farei passeatas. Gritarei que as pessoas merecem respeito. Merecem viver dignamente. Mas, serei ouvida? Palavras têm força, quando quem as diz é forte. Serei eu forte?! E novamente pensava... pensava... que “o aprendizado em torno da dor é permanente”. Não se pode lutar contra a dor humana, mas se pode ser solidário... solidário, é isso!

Enfim, meu passeio termina. Desço do coletivo carregando o peso do que vira. Entro em casa, mais abafada ainda por saber-me um ponto discordante no complexo problema social de minha cidade. Ligo o aparelho de televisão, e lá está um homem bem vestido, a

falar peremptoriamente: “Prometo que o meu povo terá pão, carne e leite em sua mesa. Educação e saúde. Emprego e moradia...” Estiro-me desolada sobre a poltrona. Lembro-me do homem-bicho lá da praça, das crianças magrinhas sugando as tetas da mãe envelhecida precocemente e tão vazias de leite. No entanto, uma voz interior me diz que é preciso acreditar. E aquele homem falando, falando... Não poderá estar sendo sincero? Encorajo-me subitamente.

O toque da campainha sobressalta-me. O rosto sujo e espantado de uma criança pede-me ajuda para enterrar um anjinho. Corro à bolsa. Desta vez, poderei fazer alguma caridade - penso aliviada. Remexo-a. Remexo-a... A carteira lá não estava. Haviam-na furtado. No ônibus?

Sacudo a cabeça como se fora o pêndulo pesado de um velho relógio atrasado, e me dou conta de que, na verdade, vivera situações bem diferentes. Sentia-me usurpada, entretanto eu estava mais madura e, incrível, uma sensação de otimismo queimava-me. Eu era uma pira, ardendo em esperança. Nem tudo está perdido, quando se confia no homem, no mundo.

A chamada do telefone traz-me à realidade. Uma voz desconhecida diz-me, entre agressiva e emocionada: “O seu dinheiro, dona, salvou a vida de minha filha. Seus documentos estão no jardim de sua casa. Deus seja louvado!”

Não me sinto mais entediada. Paradoxalmente, penso na carteira e abro-me num imenso sorriso azul.